

Depoimento

O imigrante e o movimento operário

JAIME CUBEROS

(Nascido em 1927, em Jundiá-SP; trabalhou como operário na indústria de calçados desde os 11 anos. Em 1954 passou a exercer a função de jornalista no jornal "O Globo" no Rio de Janeiro. Atualmente é Secretário Geral do Centro de Cultura Social-SP, fundado em 1933).



CULTURA E EDUCAÇÃO: OS ESTEIOS DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Veja bem, falar do movimento operário no Brasil, é falar em 1º lugar, dos imigrantes. Foram centenas de milhares que se dirigiram para cá, sobretudo a partir do último quartel do século XIX, cujo maior contingente foi de italianos, mas também muitos espanhóis, portugueses, e outras nacionalidades em menor proporção. Eles traziam não só a força de trabalho, traziam toda uma visão de mundo e uma cultura que foi reproduzida e teve uma influência muito grande na formação aqui. Eles criaram um movimento muito forte – o anarco-sindicalismo, e este sempre teve uma preocupação muito grande com a educação e a cultura como instrumentos de mudança, como instrumentos de emancipação. Foi o movimento anarco-sindicalista que teve esse ideal, essa visão; por isso fundou muitas escolas, trabalhou com muitos livros, com muitos folhetos, muita cor. Este movimento criado aqui pelos imigrantes, foi um agente social e histórico poderosíssimo no Brasil.

Eu poderia até adiantar o que foi dito por Edgard Leuenroth, um dos maiores militantes do movimento operário no Brasil, que, tudo isso que hoje está condensado na Legislação Trabalhista não foi dado de presente pelo Estado. Isso foi fruto da conquista de muitas lutas, de muitos sacrifícios, perseguição, de muito sangue, muito suor, muita batalha de todos esses trabalhadores durante décadas. E no trabalho deles, é bom considerar que muitos eram analfabetos e eles não tinham escolas, mas fundaram. Talvez, naquela oportunidade, os filhos deles frequentaram muito mais as escolas criadas por eles do que as escolas do governo. Eles criaram escolas em todos os bairros, nas cidades..., as chamadas escolas livres, escolas racionalistas, porque tinham uma visão de luta, de resistência, de transformação.

Inicialmente, o movimento era todo voltado pra um sentido mutualista. Eles fundaram aquelas entidades, das quais ainda hoje algumas estão aí, como assistência à saúde, sociedade beneficente, etc. Eu sou sócio de uma até, voltada ao problema da assistência à saúde, tipo Golden Cross, mas com outras características, naturalmente, fundada em 20 de maio de 1898. Mas retomando, no início eles não sabiam o português e começaram a produzir teatro em italiano, em espanhol. Jornais em italiano, jornais em espanhol. Importavam os livros da Europa nessas línguas e os reproduziam. Nós temos textos originais, muitos desses textos, livros.

Tinha um teatro, por exemplo, editado na Itália, chamava-se "Teatro Popolare di Milano", e eles

*editavam aqui. Eram peças escritas para o movimento social da Itália. Eles importavam aquilo e levavam naquela língua mesmo. Por exemplo, lembro de uma peça famosa, e aqui tinha um grupo, inclusive com movimento feminista que eles organizavam, chamava-se Centro Feminino Jovens Idealistas, essa peça tinha por nome **Maternità**. Eu tenho esse programa, é de 1915, em italiano. É uma peça em cinco atos, porque eles faziam aquelas programações quilométricas. Eles montavam o espetáculo mais ou menos nessa base: primeiro tinha a abertura com uma orquestra, executavam uma música; depois tinha uma falação, uma pessoa chegava e dava uma mensagem; seguia-se uma peça enorme seguida de um ato variado. Geralmente eram poesias, cantos, etc. E muitas vezes eram os próprios filhos que participavam; crianças que estavam nas escolas fundadas por eles. Era todo um processo de convivência das famílias, havia toda uma maneira de solidariedade, de convivência entre as pessoas que participavam no movimento.*

Eu cheguei a viver isso. Nós tínhamos o nosso teatro aqui no Centro de Cultura Social e tínhamos um grupo que atuava em português e um grupo que atuava em língua espanhola, feito com espanhóis. E a gente dava espetáculos alternados aqui no Centro de Cultura mesmo. E as pessoas que participavam eram pessoas do próprio movimento, e havia uma comunhão, uma identidade muito grande, é claro, pois os atores quem eram? Eram trabalhadores, e quem estava assistindo eram os familiares; tanto que às vezes a gente levava a mesma peça e o sujeito não se cansava de ver.

E veja bem, muitos dos textos eram escritos por trabalhadores, interpretados por trabalhadores, assistidos por trabalhadores, vivenciados, produzidos. Nós fazíamos tudo. Nós montávamos o cenário, interpretávamos, ensaiávamos, isso já no nosso tempo quando as coisas já tinham muito mais do que mudado, imagine antes!

A produção não era só teatro, havia toda uma gama de imprensa. Mas o teatro tinha o seguinte objetivo: arrecadar fundos, esse era o principal, mas além disso eles não tinham nenhum tipo de lazer. Era uma carga horária de trabalho imensa, trabalhavam 14, 15 horas, e nem sei como eles arrumavam tempo pra ensaiar, fazer os espetáculos nos fins de semana. Era uma atividade incrível, mas havia uma energia fantástica, uma disposição muito grande de lutar por melhores condições de vida. Então, o objetivo era de arrecadar fundos, principalmente fundos de solidariedade. Aliás, eu tenho muitos convites, onde no próprio convite dizia: o espetáculo é para arrecadar fundos em favor do companheiro tal que está tuberculoso, doente, que não pode trabalhar; ou que faleceu, para

ajudar a família, porque não havia INPS. E aquilo foi um embrião de uma assistência, de um seguro social que era gerado, criado pelos próprios trabalhadores, desde aquelas primeiras sociedades de socorros mútuos. E quando chegavam os novos imigrantes, eram recebidos e davam uma certa assistência. Eles tinham esse objetivo.

Mais tarde é que começaram a criar as entidades de resistência. Já no fim do século passado, 1891, 92, 95, começaram a aparecer jornais; "El Grito del Pueblo", no Paraná, em

espanhol e uma série de jornais em italiano. Jornais anarquistas, de conteúdo anarquista; jornais de pregação, porque o objetivo já não era só reivindicar melhores condições de vida, redução de horas de trabalho, etc. Já era com o objetivo de transformação da sociedade mesmo; lutar por uma sociedade justa, igualitária; a utopia da sociedade ideal, de igualdade, aquela coisa toda. Foi quando eles começaram a desenvolver as entidades de resistência.

Essas entidades, algumas chegaram a empregar o termo Sindicato, mas a maioria eram Uniões, Associações, eram Ligas. Se a gente pegasse uma lista dos que participaram no 1º Congresso Operário, realizado de 15 a 20 de abril de 1906, por exemplo, a gente vê como é que eram designadas essas entidades: "União dos Artífices em Calçados", "União dos Artistas", "União dos Trabalhadores Gráficos", e assim por diante. Eram nomes até bonitos, tinham toda uma conotação com arte.

Uma das preocupações básicas dessas entidades era com a cultura e a educação. A sua primeira preocupação era: fundar escolas e ter uma biblioteca na entidade; pelo menos uma biblioteca onde os associados, os filiados pudessem ter acesso aos livros e a cursos de alfabetização para os adultos e para os filhos dos trabalhadores. Essas preocupações básicas faziam parte dos Estatutos, eu estive lendo cerca de 20 Estatutos de Ligas, de Entidades diferentes, estudando, e procurei ver qual era o fundo comum deles, e todos eles tinham essa preocupação da escola, da biblioteca, do ensino, dos cursos, das conferências, palestras, etc...

Quase todo militante, quando começava a aprender a ler, começava a se desenvolver intelectualmente, já procurava também criar sua própria biblioteca particular. E não tem nem dúvida, houve uma produção imensa de imprensa, grupos de teatro, grupos de música, bandas, grupos de canto, de poesia... e eles faziam muitas excursões. As escolas, os Centros Culturais, as bibliotecas, era uma coisa que se reproduzia porque cada entidade tinha a sua.

O Centro de Cultura foi um remanescente, já dum período de muito refluxo. Em 33 eles resolveram, numa retomada do movimento, criar o Centro de Cultura, e o objetivo era o de criar um em cada bairro. Então, essa era uma das preocupações básicas do movimento – a cultura e a educação.

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

Agora vou falar um pouco da luta, talvez interesse também. Já em 1903 constavam centenas de entidades. Todas elas eram organizadas num princípio libertário, numa prática libertária. Já criavam as suas Federações, por cidades, por Estados. Em 1905 foi fundada a Federação Operária de São Paulo; em 1907, não, antes, pois em 1906 se fez o 1º Congresso, foi antes, a Federação Operária do Rio de Janeiro; a Federação Operária do Rio Grande do Sul, dos Estados do Norte...

E foi no Rio de Janeiro que se começou a articular o 1º Congresso Operário. Se a gente lê aquelas moções aprovadas no 1º Congresso, é algo assim até comovente. Os principais pontos que eles aprovaram foram: fundar a Federação Operária Brasileira; fundar o jornal "A Voz do Trabalhador"; convocar as mulheres para as organizações operárias; lutar pela lei de 8 horas; marcar para o dia 1º de maio de 1907, do ano seguinte, portanto, uma greve geral no Brasil, que foi a primeira greve geral planejada que se fez no Brasil, essa de 1907. Muita gente ignora isso.

Ela foi desencadeada pela Federação Operária de São Paulo e se estendeu por outros Estados. Foi tremendamente reprimida. Houve um pau tremendo, mas eles conseguiram, em muitas categorias, reduzir os horários de trabalho; quem trabalhava 14 horas passou para 12, 11, isso eles conseguiram. Foram conquistas paulatinas. Em 1908, no Rio de Janeiro, a Construção Civil, por exemplo, conseguiu as 8 horas de trabalho. Foi uma luta grande e houve avanços e retrocessos. A repressão contra os estrangeiros foi terrível. Veja só: já em 1904, havia um senador chamado Adolfo Gordo, ele apresentou um projeto de lei que foi aprovado, ficou conhecida como "Lei Adolfo Gordo". A lei dizia: todo estrangeiro que participar de movimentos, de reivindicações, etc., poderá ser julgado e expulso do país como agitador. O Brasil, segundo eles, era um país que não comportava confronto de classes, aqui era um paraíso onde todos viviam em harmonia. Imagina, uma exploração terrível daquelas e diziam que não comportava confronto de classes?! E muita gente foi expulsa.

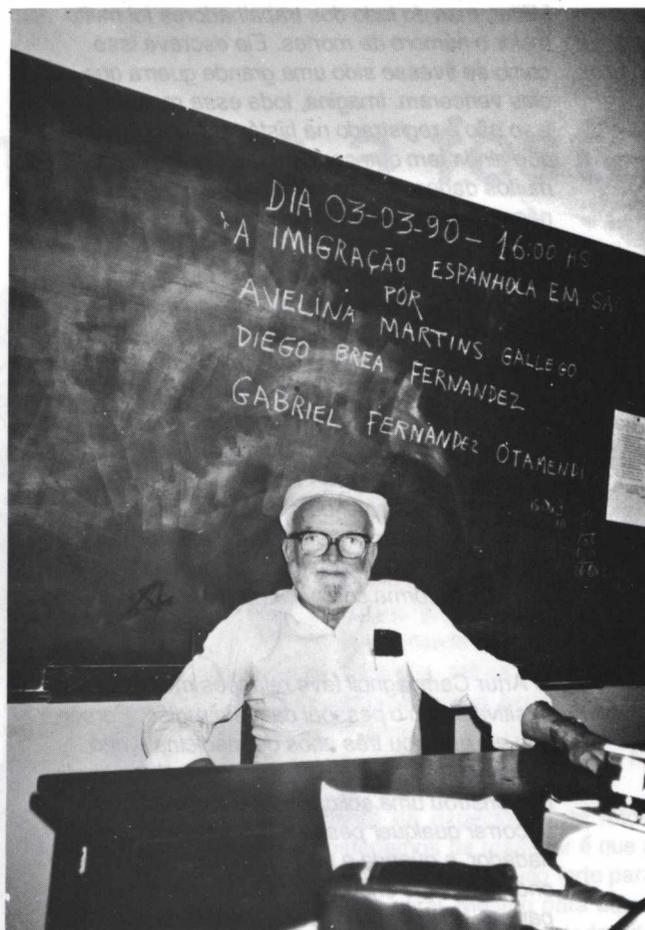
Mas houve uma luta tremenda contra essa repressão; à medida que a resistência ia

aumentando, ia aumentando a repressão. A lei Adolfo Gordo, por exemplo, foi sendo aperfeiçoada. No início ela não se aplicava aos imigrantes que já fossem casados aqui, ou que tinham filhos brasileiros. Mas depois foi sendo apertada, foram eliminando as exceções. Já em 1920 era draconiana essa lei.

Posso até adiantar algumas coisas; o que mais contribuiu para o refluxo do movimento foi a tremenda repressão. O campo de concentração lá no Oiapoque, que recebeu o maior contingente de presos no governo Artur Bernardes (1922-1926), foi um exemplo; nesse período mandaram pra lá cerca de 1.200 presos. Eles chamavam de Colônia Agrícola, havia presos comuns também, mas aquilo era um matadouro, os presos morriam em pouco tempo de doenças tropicais. Eu cheguei a conversar com pessoas da época. Mas eles extraviaram os livros de registros desta colônia, mas se supõe que mais de 80% não voltaram. São centenas de militantes que morreram lá. Isso é trágico! Essa repressão tremenda contra a luta dos trabalhadores.

É verdade, houve algumas greves com conotações de confronto, como a de Santos, a de 1917 em São Paulo, quando houve muitas mortes. Eles só citam a morte daquele operário espanhol, José Martinez, uma greve que acabou se tomando quase uma insurreição popular aqui. Mas ela foi decorrência direta da repressão. Durante a 1ª guerra mundial, a situação aqui era de grande dificuldade para os trabalhadores; enquanto a classe dominante estava toda voltada para a exportação, ganhando muito dinheiro, sugava o máximo dos trabalhadores. E eles sentindo cada vez mais o encarecimento da vida. Faltava inclusive pão; o Brasil importava todo o trigo da Argentina e o fornecimento foi suspenso. Diante do encarecimento, os trabalhadores começaram a pedir aumentos e houve uma série de greves.

Os trabalhadores começaram a se organizar, e a organização era feita de uma forma vertical e horizontal, que era a organização anarco-sindicalista. Quer dizer, as entidades eram filiadas à Federação enquanto ramo de atividade. Cada ramo de atividade era filiado à Federação por cidades. Mas havia a organização por bairros. Independente da União dos Artífices em Calçados, dos Trabalhadores de Tecidos, por exemplo, que eram filiados à Federação, havia as Ligas dos Operários do Brás, da Lapa, etc., e essas Ligas é que assumiram a coordenação e organização da greve de 17, que acabou se tornando uma verdadeira insurreição popular. O Gigi Damiani, que foi considerado um dos maiores jornalistas da imprensa anarquista no mundo, mais tarde, na Itália, porque ele foi expulso do Brasil em 1919, escreveu o que foi o seu livro mais famoso: "I



Paesi nei quali non se deve emigrare-la questione sociale nel Brasile", o livro se propunha denunciar na Itália os governos infames de um país digno de melhor sorte. O Gigi Damiani era do Comitê de Defesa Proletária, criado na greve de 17. Era um Comitê cuja função era só a de criar uma pauta unificada e servir de intermediário, pois as decisões eram tomadas nas assembléias. Eles faziam as assembléias na Moóca. Pois bem, ele chegou a dizer que, se as adesões para a greve não tivessem se dado de forma intermitente, a História do Brasil teria mudado naquela ocasião. Poucos meses depois, outubro de 1917, surgiu a Revolução na Rússia, pois ela podia ter surgido no Brasil, tal a força que adquiriu aquela greve. Um carrinho de leite para ser entregue no hospital passava pelo Comitê de Defesa Proletária. Eles tomaram conta realmente. Tanto assim que a Marinha encostou navios em Santos, o Exército deslocou divisões de Lorena para São Paulo. O Gigi Damiani, ele diz, não que houve uma adesão dos soldados, mas diz que eles se recusavam a atirar.

Eu tenho uma publicação de uma revista chamada "Militia", da Polícia Militar da época, escrita por um coronel, onde ele diz que a greve de 17 provocou muitas baixas dentro da Polícia

Militar, mas do lado dos trabalhadores foi muito maior o número de mortes. Ele escreve isso como se tivesse sido uma grande guerra que eles venceram. Imagina, toda essa repressão! E isso não é registrado na história; é uma história que ainda tem que ser contada direito. Eu tenho muitos dados, muitos fatos dessa greve, mas não vou entrar aqui em detalhes.

Eu vou contar um caso, o caso do Artur Campagnoli, um italiano, a gente conhece vários, como um dos exemplos da presença dos imigrantes aqui. O caso do Artur é um caso típico. Em 1888 ele criou a 1ª colônia agrícola no Brasil, em Guararema/SP com um grupo numeroso de espanhóis, e também italianos. Foi uma das primeiras organizações que a gente conhece aqui a nível de movimento anarquista. Depois estiveram lá franceses e até russos. Eles organizaram uma verdadeira comunidade libertária, a forma como eles organizavam o trabalho.

O Artur Campagnoli teve relações muito positivas com o pessoal daquela região. Parece que ele estudou três anos de medicina e não havia naquela época nenhuma assistência e ele demonstrou uma solidariedade espantosa pra socorrer qualquer pessoa. Era um exímio nadador, e quando o rio Paraíba dava aquelas enchentes, ele chegava pra socorrer, fazer partos... Ele passou a ser o médico da Região. Botava os remédios na cabeça, nadava em pé, atravessava o rio e ia assistir as pessoas. Ele salvou muitas vidas por lá, tando assim que se tornou uma figura lendária por lá. Falar do Artur Campagnoli é falar de uma espécie de herói que tá na história por lá assim como se fosse uma figura sobrenatural.

Pois bem, um dia chegou a polícia e acusou ele de comunista. Ele logo disse: comunista não, eu sou anarquista! E a polícia retrucou: então o senhor vai nos acompanhar. E quando tava indo, acorrentado, perguntou pros dois guardas que estavam lá do lado dele: Vocês sabem nadar? Eles disseram: Não! E quando o navio já estava saindo da barra, porque naquele tempo não tinha cais, e o navio parava um pouco longe e vinham aqueles botes, ele comentou: eu também não sei nadar, por que vocês não me soltam? Vocês acham que eu vou fugir do navio? E os guardas soltaram ele das correntes. Não deu outra, quando se distraíram deu um mergulho no mar e saiu nadando. Imagina, uma proesa fantástica! Isso ficou registrado e a família inteira fala com orgulho das proesas do Artur Campagnoli. E tem casos dele assim que são comoverentes. Ele assistia uma pobreza tremenda lá dos caboclos do lugar. Na casa dele, por exemplo, não tinha roupa nenhuma. Tudo o que e a família tinha ele dava pros outros. Ele chegava e dizia pra

companheira dele, pra mulher: Arranja uma roupa lá porque essa criança que vai nascer não tem nada pra se cobrir. E a mulher dele: mas não temos mais nada, já demos tudo. E uma vez ele disse: nós temos um lençol aí, corta ele e faz umas fraldas pra mim poder levar, era o lençol que tinha na cama. Isso foi contado pela filha dele, muito emocionada, esse fato que ela lembrava. São exemplos que a gente conta da presença dos imigrantes.

Ele tinha uma biblioteca e às vezes passava a noite inteira escrevendo, mas esses documentos desapareceram. Olha, essa imensa produção cultural dos imigrantes aqui, foi quase tudo destruído. O que sobrou realmente foi o que os imigrantes conseguiram esconder. O caso de Edgard Leuenroth, que muitas vezes teve que fugir com livros em sacos para esconder no meio do mato?! Escondiam num sítio, assim. E hoje a gente está recuperando. De vez em quando aparece aí um jornal, um documento, uma coisa rara, que a gente tá juntando, jomais, livros, folhetos, porque era uma produção imensa de folhetos. O hábito de publicar folhetos era por serem mais barato. Ou então eram esses livrinhos pequenos, com 32 páginas, que eram produzidos por eles mesmos.

Eu estou no movimento anarquista desde os 15 anos, convivi 20 anos com o Edgard, com todos os grandes militantes do passado; claro, conheci o Edgard quando ele tinha 64 anos, eu tinha 18, mas ele morreu com 84 anos. Eu não lembro nunca de ter sido editado tanto livro anarquista como agora, mas são as editoras comerciais. Naquela época eram eles que editavam. O esforço que faziam para editar! Editar, por exemplo, "Evolução e Revolução" de Elisée Reclus, em 1904. Eu vou mostrar depois, eles tinham até uma coleção anunciada, tinham até anunciado em francês. Ensinavam até mesmo a ler francês. E a maioria eram autodidatas. Eles aprendiam e faziam jornais. É claro, o segmento mais intelectualizado era o dos gráficos, justamente pelo trabalho que faziam. Entre os sapateiros também havia trabalhadores eruditos. Houve um tipógrafo espanhol, depois professor, que veio muito novo pro Brasil, ele assinava com o pseudônimo de Florentino de Carvalho. Ele acabou se naturalizando brasileiro, tanto que entrou até pra força pública. Mais tarde ele leu o livro "A Conquista do Pão" e acabou se envolvendo com a idéias e se tornou um anarquista. Foi um fundador de escolas e deixou livros importantíssimos.

Num livro que ele escreveu em 1923, chamado "Da Escravidão à Liberdade", ele levanta teses, por exemplo, da cooptação pelo sistema, coisa que o Marcuse levantou e parecia o grande guru da Revolução de 68, dizendo que os elementos de contestação são cooptados e transformados

em elementos de sustentação do sistema. Ele dizia isso em 23 se referindo aos sindicatos. Ele dizia: do jeito que os sindicatos estão evoluindo eles vão ser uma extensão do Estado pro controle dos trabalhadores. Mas não deu outra. Ele era de uma erudição tremenda, discutia livros, filosofia, um autodidata! Houve, é claro, intelectuais que entraram pro movimento, mas a maioria desses trabalhadores foram gente que entraram pra associação, fizeram aqueles cursos, começaram a ler e a escrever, depois levavam para casa os livros, os folhetos, os jornais e acabavam se instruindo. Havia muito interesse pela formação, pelo estudo.

O MOVIMENTO ANARQUISTA E A IGREJA

Um outro ponto que eu poderia, talvez, comentar, era a relação que havia entre o movimento anarquista e a Igreja. Bom, quanto à Igreja, desde o começo havia uma posição radicalmente contrária. A Igreja era extremamente reacionária, estava do lado dos patrões. Os anarquistas, e naquele tempo havia o problema de generalizar todos os vermelhos, eram considerados como demônios, como diabos, e faziam a cabeça das mulheres mesmo. Tanto que a peça "Pecado de Simonia", é uma caricatura, uma comédia gosadíssima, mas era uma crítica tremenda à Igreja. Todo teatro procurava ridicularizar a Igreja. Em 1901 foi fundado um jornal; esse jornal chamava-se "A Lanterna", e acabou tendo uma repercussão tremenda no Brasil todo. O jornal era especializado só em anticlericalismo. E aconteceu uma coisa curiosa, "A Lanterna" passou a ser apoiado por muitos segmentos que não eram anarquistas, como outras religiões e todos os que tinham raiva da Igreja católica.

Aí o jornal fazia aquelas campanhas "azeite para a Lanterna" e eles mandavam o dinheiro e compravam centenas de exemplares e distribuíam pro Brasil todo, bem como mandavam informações, denúncias contra a Igreja. Havia uma posição muito crítica em relação à igreja; enquanto instituição era tremendamente combatida. Encontram-se aquelas expressões que diziam: "Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil"; "Ou o Brasil acaba com os padres, ou os padres acabam com o Brasil".

Era todo um contexto da época. E havia problemas muito sérios a nível familiar, aquela coisa toda, se casa na Igreja ou não casa... Eu conheci imigrantes italianos e espanhóis que olha! era só ouvir falar que alguém que se dizia do movimento participasse do casamento de um filho na Igreja, este já perdia o crédito e perdia até a amizade. Havia, pois, algumas posições radicais, uma intolerância sem cabimento. Aliás,

este sectarismo acaba também criando um outro tipo de religião, acaba fazendo uma transferência de certas posições de fé.

Na minha visão pessoal, em termos atuais, acho que hoje é mais fácil de se distinguir por exemplo, entre a corrente da Teologia da Libertação e a outra corrente da Igreja mais conservadora. É claro, e isso foi Umberto Eco que me alertou numa entrevista, trata-se de aspectos diferentes da mesma organização. Mas isso não impede que a gente tenha que respeitar Dom Pedro Casaldáliga, essa gente que está morrendo em defesa dos Sem Terra, os que estão lutando pelos oprimidos. A gente tem que se solidarizar com os que sofrem e lutam pela liberdade, pela justiça. Considero, pessoalmente, sob pena de cair num dogmatismo esterilizante, que não devemos combater aqueles que em outras frentes, lutam contra a violência do Estado, contra o terror do latifúndio no Brasil, contra a iniquidade do sistema capitalista. Hoje os anarquistas não podem desconhecer a questão da religião nas sociedades humanas, e nem agir de forma dogmática. Ao combater a religião, hoje, os anarquistas combatem a instituição, o poder político da mesma, mas não o impulso religioso.

E olha, nós recebemos aqui materiais de diversos organismos do setor progressista da igreja onde se fala de socialismo libertário e de autogestão; conhecemos sacerdotes que se dizem adeptos das idéias libertárias e contestam a hierarquia da Igreja. São os caminhos da história que colocam hoje católicos e anarquistas com os mesmos objetivos.

Não podemos esquecer, porém, o que disse Umberto Eco: "A Igreja sempre teve duas faces – uma progressista e uma conservadora – estando aí um dos segredos de sua perenidade".

OS ANARQUISTAS FRENTE OS COMUNISTAS

No tocante à relação ente anarquistas e comunistas eu teria muita coisa a dizer. Isso foge um pouco ao assunto inicial, mas algumas coisas apenas. Isso foi trágico. Quando começou a Revolução Russa, todos do movimento anarquista esperavam que fosse uma revolução libertária, tanto que o apoio foi massivo. Mas logo depois, quando começaram a chegar as primeiras informações dos assassinatos de anarquistas lá, e tem gente que esteve lá e voltou denunciando as matanças, aí começou a separação, a divisão, a guerra.

Quando se formou a IIIª Internacional Comunista e eles promulgaram aqueles famosos 21 princípios, eu resumo assim aqueles 21 princípios: a formação dos partidos nacionais

comunistas, todos subordinados a Moscou, visava desenvolver uma atividade em cada país, no sentido de que, todas as organizações operárias que não fossem cooptadas deveriam ser destruídas. E foi assim aqui no Brasil.

Mas é interessante, eles chegaram aqui para organizar o Partido, o Congresso deles foi em março de 22, e ele foi fundado com 11 anarquistas e um socialista. E foi assim, eles mandaram um emissário da Rússia para procurar o Edgard Leuenroth para com ele fundar o Partido. Mas naquela época havia muita dúvida, entende! Mas havia o Astrogildo Pereira que era muito entusiasta do negócio. Aí o Edgard falou: Olha, eu tenho dúvidas, mas quem tá disposto, quem você deve procurar é o Astrogildo. Você vê como é, o próprio Edgard o encaminhou para o Astrogildo, era a boa fé. E o próprio Astrogildo, depois de formar o Partido Comunista, continuou por um tempo escrevendo contra o Estado, aquela coisa toda, mas mais adiante veio a divisão.

Mas eu estava falando da IIIª Internacional. Sim, logo depois eles organizaram aqui no Brasil a chamada "Tcheka Brasileira", uma espécie de Esquadrão da Morte aqui. E chegaram, realmente, até à eliminação física de militantes, chegaram a matar alguns militantes do Sindicato da Construção Civil. O negócio era jogo pesado mesmo. Eles entravam nas Assembléias, por exemplo, e tumultuavam.

Há questão de uns meses atrás, no Rio de Janeiro, morreu o Diamantino Augusto, morreu muito velhinho, com 98 anos, mas morreu com uma lucidez incrível. Eu passei dias conversando com ele. Ele era um documento vivo da história, participou das greves de Santos, do movimento todo no Brasil, e foi testemunha dessas agressões; ele era da Construção Civil. Ele conta como é que eles chegavam para tumultuar, agredir, acabavam mesmo, porque, de duas uma: ou aparelhava ou então eles procuravam relamente perturbar. E foi uma guerra. Sem dúvida, eles tiveram um certo peso no refluxo do movimento, mas também não foi o principal fator na série de coordenadas que se conjugaram para provocar o refluxo. O principal fator foi mesmo a repressão, mas os comunistas perturbaram muito. Passaram até a acusar os anarquistas de pequenos burgueses. Pombas! Veja bem, a burguesia internacional de todos os países estava contra a Rússia, e quando os anarquistas passaram a criticar a Revolução Russa, apontando os desvios, eram considerados traidores, burgueses. Estavam numa situação incômoda, realmente. Mas hoje, depois de tudo o que aconteceu no Leste, de tudo o que está acontecendo aí, os anarquistas confirmam seus pontos de vista, mostrando que

aquelas previsões de Bakunin tão aí se concretizando, mostrando que não é por aí, não é a ditadura que vai levar à liberdade.

**Depoimento colhido por Diego Fernandes em janeiro de 1990.*

